



MONIQUE E O TRATADO DO COMBATE EM VÃO

COELHO, Luisa. **Monique**. Brasília: Thesaurus, 2003. 127 p. Texto bilíngüe francês e português.

*Recensão de Antonio Miranda originalmente publicada na revista **Barca do Aviso**, Thesaurus Editora, n.1 , 2003.*

Marguerite Yourcenar publicou sua obra *Aléxis où le Traité du Vain Combat* em 1929, uma espécie de monólogo epistolar dirigido à jovem com que Alexis estivera casado por três anos - sem chegar propriamente a possuí-la -, antes de abandoná-la para viver a sua vocação de pianista, para reconciliar-se com a própria fantasia e atração por homens.

Não tive ainda a chance de ler a obra citada da grande escritora francesa mas, depois de conhecer outros textos dela, posso imaginar a sutileza e a dignidade com que certamente tratou o delicado tema. Basta ler o seu admirável *Memórias de Adriano*, em que o imperador faz as suas confissões de amor a um efebo nas memórias de vida e de guerras, para compreender a maneira extraordinária como ela penetra as profundezas da alma humana e revela suas identidades mais autênticas. No caso de Adriano, texto em primeira pessoa, como é também o caso da missiva de Alexis, a escritora concebe e concede a perspectiva confessional e o distanciamento adequado para sua narrativa.

A escritora Luisa Coelho impõe-se o tremendo desafio de escrever a resposta da esposa abandonada pelo músico. Assume a personalidade lúcida e inteligente de Monique, numa carta imaginária que é um pretexto para – à maneira da escritora Marguerite Yourcenar – desvendar a condição da mulher em sua construção e transformação, no período de entre-guerras, transcendendo as limitações e convenções de sua situação social e de gênero. Luisa Coelho demonstra um pleno domínio sobre os valores, o ambiente e o momento e revela uma erudição que, como a grande Yourcenar, consegue expressar de forma sutil a complexidade das personalidades envolvidas. Tal sutileza apenas disfarça um discurso de reflexão e crítica de costumes e valores, com muita autenticidade e profundidade. Não é gratuito lembrar os anos que Marguerite Yourcenar dedicou aos estudos da história e da cultura da Antiguidade – sobretudo sobre o Império Romano, os mundos helênico e egípcio, etc. - para sublinhar, com discrição e propriedade, o raciocínio e a sensibilidade de seu magnífico personagem Adriano, sem jamais cair em detalhes inúteis ou em pedantismo gratuito.

Luisa Coelho também prefere as frases curtas, contidas, sintéticas para expressar as transformações da jovem Monique desde a infância numa ilha do Caribe até ao casamento na Europa, culminando nas reflexões de adulta que consubstanciam sua carta tardia.

Exemplo: *“Partir pela primeira vez não foi difícil. As despedidas nunca me foram penosas. Nessa época, eu achava que todas as partidas tinham um*

regresso. Mas afinal, eu descobri que é o regresso que é difícil, até mesmo impossível às vezes, e que a infância é também um espaço sem regresso. Não é o tempo que não pode regressar, somos nós que não podemos retornar sobre o nosso próprio tempo”.

A carta em que ela expressa a sua compreensão do acontecimento – a partida do esposo que optou por seguir os seus desígnios - , revela um amor por ele que só se consolida no decurso de sua ausência e das próprias reflexões e se completa depois de sua morte. Uma carta em que não há condenações nem mágoas, só um entendimento absoluto da condição humana.

“Eu hoje sei que tudo o que eu sempre amei em si, o seu mistério e a sua inquietação, me ajudaram a percorrer a minha vida tão calma e sem segredos. A idade trouxe-me felicidade.”

Lusitana de nascimento, Luisa conserva a língua materna com sua sintaxe e sua ortografia originais, com uma maestria admirável no uso das palavras e no trato das idéias. Não raro faz literatura sobre literatura, mas de maneira quase imperceptível para o leitor comum.

Aprende-se muito com o texto, com suas insinuações e reflexões – melhor seria, de Monique – e, ao final, além do prazer e do fascínio da palavra escrita, fica-se com a sensação de que ela tem ainda mais a dizer, deixa-nos enlevados e desejosos de continuar a leitura.